

ESTUDO BÍBLICO

# PROFETA ISAÍAS

(15º ESTUDO)

# O ABISMO DO

# PECADO

Isaías 22.15 a 35.10

REV. SILAS MATOS PINTO

## 15º - ABISMO DO PECADO

Quando se fala em período das trevas se pensa logo em um longo período de muita tristeza e dor. A história conta alguns desses períodos que foram vividos pela humanidade. Um deles foi o período da Idade Média, quando a Igreja deixou de fazer a sua missão e o mundo viveu dias de perversidade total.

Neste estudo trataremos sobre o pior período de trevas que Judá vivenciou. Eles viveram intensas perseguições, um exílio e muita angústia e tudo isto com a ausência do Senhor, pois Deus decidira discipliná-los por causa dos seus pecados e se ausentar.

Os capítulos estudados são Isaías 22.15 a 35.10. Este é, com certeza, o pior período da história de Judá. O contexto desta época está registrado nas partes finais dos livros de 2 Reis e 2 Crônicas. Este período traz, de modo vívido, quanta dor o pecado pode trazer ao povo de Deus e nos leva a meditar na santidade exigida de nós e nos males que nosso pecado nos trará se deixarmos o caminho santo e nos entregarmos aos nossos prazeres.

Isaías não viveu nesta época. Ele profetizou e sofreu por ter previsto tais profecias. Quem viveu esta época foi o profeta Jeremias que vivenciou estes tempos tenebrosos e sobre eles escreveu em seu livro e nas suas Lamentações.

Vamos nos situar. O reino do Norte (As 10 tribos de Israel) fora totalmente destruído pela Assíria. Deles só restaram uns poucos que se juntaram a Judá, atraídos pelo convite do rei Ezequias. Judá viveu tempos de refrigério, até que Ezequias recebeu representantes da Babilônia, mostrou-lhes suas riquezas e eles as cobiçaram. Morreu Ezequias e seu filho Manassés reinou em seu lugar, num governo

absolutamente perverso, idólatra e mau. Deus se irou contra Judá e trouxe a Babilônia para, através dela, discipliná-los. Vários reis reinaram neste período até que Deus não suportou mais tanta perversidade de Judá e trouxe sobre eles o cativo Babilônico.

Os fatos se aprofundam quando o rei Josias morre na batalha contra o Egito e seu filho Joacaz reina por apenas 3 meses. O Faraó Neco o destitui do trono e o leva preso para o Egito, onde morre na prisão, e em seu lugar constitui a Eliaquim, também filho de Josias e lhe muda o nome para Jeoaquim (2 Rs 23.31-34 / 2 Cr 36.4). Depois da morte dele Joaquim, seu filho, reina por breve tempo, até ser levado cativo para a Babilônia, onde ficou preso no calabouço, até que Evil-Meradoque, rei da Babilônia, o libertou do cárcere e voltou a tratá-lo com a dignidade de rei, porém não o deixou voltar para sua terra (2 Rs 25.27-30).

Judá ficou anos no exílio. Esse período é melhor compreendido se lermos as Lamentações de Jeremias e vivenciarmos a dor que o povo de Deus passou nesse tempo de trevas, trazidas por causa do seu pecado. O período de trevas chega ao fim quando Deus, usando o rei Ciro, manda seu povo de volta para sua terra, reconstrói o templo e os muros de Jerusalém. A partir deste tempo o povo resolve nunca mais voltar à idolatria e vive tempos de refrigério.

#### **TEMA:**

#### **O ABISMO PARA ONDE O PECADO LEVA O PECADOR.**

Em primeiro lugar veremos que **QUANDO PECA O PECADOR PASSA O CONTROLE DE SUA VIDA PARA O SEU INIMIGO.**

Pedro disse que ***“Somos guardados pelo poder de Deus e que o Diabo não pode nos tocar”***, mas disse também que ***“O***

***vencido fica escravo do vencedor”***. Paulo mostra claramente que fazemos parte do projeto de Deus, que fomos escolhidos, justificados, santificados e glorificados. Mas diz também que o Diabo ***“é o príncipe deste mundo sobre os filhos da desobediência”***.

Não nos é permitido pecar. Apesar desta proibição Deus não nos impede de pecar. Se escolhemos pecar ele permite e nos deixa sofrer as consequências por termos virado as costas para Ele. Foi o que foi dito por Pedro e Paulo.

Quando andamos em fidelidade somos totalmente protegidos por Deus, mas se caminarmos nos caminhos das trevas, então, nos faremos servos do príncipe das trevas e nos sujeitaremos a ele, apesar de esta não ser a vontade de Deus para nós. Ele pode nos libertar, e com certeza o fará, mas antes disto deixará que soframos as duras penas de preferir o pecado à fidelidade.

Veja o que aconteceu a Judá. Em Isaías 22.15 a seguir, vimos que na profecia é citado alguém chamado Eliaquim (acabamos de contar sua história). Com a vitória do Egito e a morte do rei Josias, o Faraó estabeleceu Sebna, seu mordomo, como administrador de Judá e deixou o rei no trono, mas sem poderes de rei. A profecia inicial é contra Sebna, que seria destituído do seu posto e no seu lugar o descendente de Davi voltaria a ter seu posto na regência de Judá.

Eliaquim ou Jeoaquim seria fincado como estaca em lugar seguro e teria um reino estável e isto aconteceu, pois reinou quase doze anos. Deus lhe daria autoridade, pois ***“abriria e ninguém fecharia, fecharia, e ninguém abriria”*** (Is 22.22). Mas Jeoaquim, assim como seus antecessores, não confiou em Deus e lhe foi infiel. Por isso também seria arrancado do trono (22.25). Nos capítulos

seguintes (cap. 23 e 24) é ressaltada a soberania divina no controle do destino das nações, neste caso, sobre Tiro, deixando claro que Deus controla o destino das nações.

Acabamos de mostrar que quando pecamos damos o controle de nossas vidas aos nossos inimigos. Judá pecou e passou o controle de sua vida ao Faraó e depois à Babilônia. Se continuassem fiéis Deus, Ele lhes daria toda a segurança, mas o pecado fez deles escravos. Foram derrotados e entregaram o controle de suas vidas aos inimigos.

Em segundo lugar veremos que **DEUS NÃO ABANDONA O PECADOR MESMO QUANDO ESTÁ SOB SUA DISCIPLINA.**

O pai que ama, corrige. Esta é a argumentação de Paulo. Deus nos corrige como pai porque nos ama. Se não lhe fôssemos filhos Ele nos abandonaria à nossa própria sorte. Mas assim como acontece conosco quando colocamos nossos filhos de castigo e o nosso coração não se aparta deles, Deus também não nos abandona, mesmo que tenhamos de ser castigados.

O capítulo 25 retrata o cântico de louvor pela misericórdia divina em restaurar seu povo e começar o processo de devolução de Judá à sua terra. Esta é a parte final do período de trevas. Trata do retorno do castigo. Foi a época vivida por Esdras e Neemias, que reedificaram os muros, as casas e o templo de Jerusalém, pois **“havam se tornado em um montão de pedras e a cidade forte, uma ruína”** (Is 25.2).

O capítulo 26 mostra o reconhecimento da proteção divina no período do cativo Babilônico. O versículo 19 fala do retorno de Judá em termos de ressurreição de mortos, pois se sentiam como mortos na Babilônia. O Salmo 137.1 retrata a tristeza deles por estarem morando longe de sua terra: **“Às margens dos rios da Babilônia nós nos**

**assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião”**. Este Salmo termina com uma imprecação, mostrando o revolta dos seus corações.

A proteção foi sentida por eles no exílio. Deus não se calou nesta época, pois falou-lhes através dos profetas Ezequiel e Daniel. Também estiveram sob a direção de Daniel e seus amigos, que se tornaram líderes na Babilônia e puderam amenizar o sofrimento de Judá no exílio. Assentada no trono da Babilônia como rainha esteve Ester, que foi usada por Deus para evitar o extermínio dos judeus.

Deus moveu o coração dos reis da Média e da Pérsia, como o rei Ciro, que financiou a reconstrução de Jerusalém. Esdras e Neemias foram usados por Deus nesta reconstrução e estavam antes dentro do palácio da Babilônia como servos dos reis. Deus os colocara lá.

O capítulo 27 fala de Judá em termos de vinha. Lembra-te que Deus comparou Israel à vinha má, por ter produzido uvas bravas e por isso fora destruído? Agora, Deus novamente compara seu povo à vinha. Judá agora é a vinha do Senhor, mas, ao contrário do que aconteceu a Israel, Deus diz que vai **“vigia-la, rega-la e cuidar dela. E que sua indignação passou. Fará que lancem raízes, brotem, floresçam e produzam frutos”** (Is 27.2-4 e 7). Israel não teve a mesma oportunidade, pois Deus não se compadeceu deles e negou-lhes o perdão (Is 27.11), dizendo-lhes: **“xô, xô”** (Is 27.8) enxotando-os de sua presença.

A ação divina comprova nossa argumentação de que Deus não nos abandona, mesmo que estejamos sob Sua disciplina. Deus disciplinou a Judá, mas não o abandonou. Cuidou deles no exílio, curou-os da idolatria e os trouxe de volta à sua terra em segurança.

Em terceiro lugar veremos que **O AMOR DE DEUS NÃO O IMPEDE DE DISCIPLINAR O PECADOR QUANDO PECA.**

Há um pensamento errado de muitos que pensam que o amor de Deus não o fará puni-los quando pecarem. Não concebem o amor ao lado do castigo. Analise os filhos que não são corrigidos pelos pais e verá que, na sua maioria, se perdem. Pais que amam corrigem, castigam, batem e nem por isso deixam de amá-los. Filhos corrigidos por seus pais se tornam bons cidadãos, respeitáveis e honestos.

O capítulo 28 fala da disciplina divina que fora trazida contra Judá através da Babilônia, que falava *“língua estranha”* (28.11). Judá não seria destruída. Sofreria duras penas provocadas por seu pecado, mas Deus não o destruiria como fez a Israel, apenas o disciplinaria.

Deus amava o seu povo. Fizera tudo por eles. Dera-lhes a terra prometida e lutou suas guerras, mas seus filhos pecaram. Afastaram-se de Ele e se entregaram à dissoluções e à idolatria. Mereciam ser punidos e Deus os puniu. Com certeza isto foi penoso a Deus, mas o seu amor não o impediu de pesar sua mão contra Judá.

Como se tornara digna de disciplina (cap. 29) Jerusalém foi comparada a *“Lareira de Deus”*, pois nela Deus derramaria sua ira e seu furor. Deus não pouparia a cidade que era o orgulho e a paixão de Judá. Nem o templo, tido como a habitação de Deus, seria poupado. Isto ocorreria por causa da hipocrisia do povo de Deus (29.9-16), pois passaram a cultuar a Deus com os lábios, mas o seu coração estava distante do Senhor e sua obediência se baseava em mandamentos de homens, deixando de obedecer aos preceitos divinos. Menosprezaram a onisciência de Deus, pois agiram perfidamente, às escondidas, desprezando o olhar divino que estava sobre eles (v.15).

Tenha certeza que Deus te ama, mas não brinque com Ele. Deus te quer numa vida santa e reta, mas não suportará ou permitirá que vivas em pecado. Priorize o reino de Deus e o sirva com amor e dedicação, mas saiba que se, por acaso, priorizares o mundo e seus prazeres, Deus não te poupará. Ele te lançará nas trevas para que sofras a pena do teu pecado e o abandone definitivamente

Em quarto lugar veremos que **QUANDO O PECADOR SE ENTREGA AO PECADO ELE SE ALIA AOS PIORES INIMIGOS.**

Quando o filho se rebela contra os pais, a quem ele se junta? Não é com os piores amigos e com marginais? Quem é que se torna amigo de jovens que começam a usar drogas? São os antigos amigos da igreja? Não! São os traficantes e ladrões. Assim é com todo tipo de pecado. O pecador se junta a outros das piores espécies para não se sentir culpado ou ser corrigido pelas pessoas que andam corretamente. Isto também aconteceu a Judá.

De onde Deus tirou Israel antes de trazê-los para a terra prometida? Não foi do Egito? O Egito trazia suas piores lembranças. Os anos passados no Egito foram de muito sofrimento e escravidão. Mas, agora que abandonaram a segurança no Senhor e se entregaram ao pecado, a quem buscaram e a quem se aliaram? Aliaram-se ao Egito! Isto também confirma nosso argumento, pois afirmamos que o pecador se alia aos seus piores inimigos.

Os capítulos 30 e 31 revelam a profecia sobre a aliança feita com o Egito. Deus mostrou ao povo que o Egito era formado por homens e não eram Deus para protegê-los. Ao invés de buscarem a proteção de Deus e confiar nEle, fizeram aliança com seu pior inimigo, na esperança que lutasse a seu favor e lhes desse segurança contra a

Babilônia. Esses **“planos não procederam de Deus”** (30.1) e Deus não aceitou tal aliança. E como vimos no estudo anterior, o furor de Deus se abateu contra o Egito por ter se oferecido como segurança àqueles que tinham a obrigação de se segurar apenas em Deus.

Quando alguém se entrega ao pecado este não dá ouvidos aos conselhos dos que o amam e desejam seu retorno à sensatez. Veja que os líderes que queriam a aliança com o Egito fizeram isto, pois tentaram calar aqueles que falavam da parte de Deus: **“Eles dizem aos videntes: não tenhais visões; e aos profetas: não profetizeis para nós o que é reto; dissei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões; desviai-vos do caminho, apartai-vos da vereda; não nos faleis mais do Santo de Israel”** (30.10,11).

Preferiam ouvir mentiras que não lhes traria culpa a ouvir a verdade. Mas o profeta obediente, dizia: **“Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força, mas não o quisestes”** (30.15). É o que Paulo ensina: **“Prega, insta, quer seja oportuno ou não”**.

Jeremias, tendo agido assim e dizendo ao povo que se entregasse pacificamente à Babilônia, foi preso e humilhado, mas não deixou de falar a verdade. O povo que insistiu na aliança com o Egito foi levado cativo. Sua aliança fracassou, como Deus os avisara.

Em quinto lugar veremos que **QUANDO O PECADOR SE ARREPENDE E VOLTA DEUS O RECEBE COM PRAZER.**

O maior desejo de Deus é nos ter ao Seu lado em fidelidade. Mesmo que nos discipline ele não nos abandona e não nos quer distante dEle. Seu desejo é que voltemos a Ele.

A Palavra de Deus nos diz que há festa no céu quando um pecador se arrepende. A parábola do Filho Pródigo mostra o Pai esperando pelo filho e correndo ao seu encontro, feliz, por tê-lo novamente. O Pai festeja o retorno do filho, assim como Deus faz.

O Salmo 51 foi escrito por um pecador arrependido que voltou a sentir o gosto do cuidado divino quando se arrependeu e voltou. Davi descreve a recepção prazerosa de Deus quando o aceitou de volta.

Os capítulos 32, 33 e 34 demonstram a misericórdia de Deus e sua ira contra os que foram usados por ele como instrumento de Sua disciplina. Veja: **“Acabando tu de destruir, serás destruído, acabando de tratar perfidamente, serás tratado com perfídia”** (33.1). Deus traria juízo contra os povos que disciplinaram além do que deviam e fizeram muitas maldades contra Seus filhos, quando deveriam apenas humilhá-los.

Estes capítulos falam do gemido do povo no cativeiro e da misericórdia divina. O capítulo 35 fala de esperança. Traz a certeza do cuidado divino e do retorno à terra prometida. A redação já é outra totalmente nova. Não é mais um canto triste e melancólico. É canto de alegria.

O texto fala de cura de cegos, surdos, coxos, mudos e fartura das águas de Deus sobre seu povo e sobre um reino de justiça, paz e do caminho santo, simbolizando o seu grande desejo de não cair mais no pecado, como fizera antes da disciplina. O caminho santo que viveriam seria corretivo para a vida de todos os que andassem nele, e termina dizendo: **“Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”** (35.10).

Deus recebeu o seu povo arrependido e deu-lhes, novamente, a dignidade de filhos. É isto que Deus fará a mim e a ti, se nos corrigirmos e correremos para Seus braços. Ele nos receberá e nós lutaremos para não nos afastarmos mais dEle.

Concluindo, assim termina o período das trevas. Esse período que abrangeu vários reis de Judá, desde a decisão de Deus de discipliná-los, trazendo vários inimigos contra seu povo, arrancando-os de suas terras e, novamente, trazendo-os de volta, tendo Deus movido reis e homens para fazerem sua vontade. O povo curado de sua idolatria nunca mais deixou o Senhor. Não quiseram mais ser disciplinados por Deus.

Esse período de disciplina afetou a todos. O povo foi curado da idolatria e voltou a Deus. Depois desse período surgiram os fariseus, um grupo que se separou para viver em fidelidade e obediência aos preceitos divinos. Surgiram os saduceus, que eram a classe sacerdotal que buscava reavivar o culto a Deus. Terminaram errados, mas o propósito inicial tinha sido bom.

O próprio profeta Isaías foi afetado pela visão desta profecia sobre o período de trevas. Sua compreensão se elevou para um novo patamar. O trono humano (como demonstramos no estudo anterior que sobre ele repousava a esperança do profeta) caiu em descrédito. A esperança no trono terreno agora foi mudada para algo superior e espiritual. Depois de toda a esperança nos homens ter falhado Isaías percebeu que só em Deus é que há verdadeira tranquilidade e paz e que, por mais que os homens sejam bons e dedicados, ainda assim serão homens, limitados e falhos.

Isaías entendeu que o Rei proposto em suas profecias não poderia ser um homem qualquer, mas um enviado dos céus (o Messias). Entendeu que o trono onde repousava suas esperanças não poderia ser um trono terreno. Entendeu também que o enviado de Deus não poderia ser representado por descendentes sucessivos de Davi, mas por uma personagem única e especial, enviada por Deus com o fim específico de trazer, definitivamente, a salvação para o seu povo.

Isaías compreendeu que a salvação não viria “**de descendentes**” de Davi, mas “**do descendente**”. Compreendeu também que a salvação que previra em suas profecias não visava a paz terrena, como o céu na terra, mas a paz superior e eterna num lugar especial providenciado por Deus.

A partir deste ponto do livro de Isaías as profecias tomam outro rumo e uma nova direção. A partir desse ponto as profecias de Isaías tiram os olhos do natural e dão lugar ao espiritual.

Vale a pena continuar estudando este maravilhoso livro da Palavra de Deus.